SAULO HAUTSCH WILLIG

CORPO E HISTÓRIA:
CONCEPÇÕES DE CORPO AO LONGO DO TEMPO

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Bacharel em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

TURMA W: IVERSON LADEWIG

CURITIBA

2005

SAULO HAUTSCH WILLIG

CORPO E HISTÓRIA:
CONCEPÇÕES DE CORPO AO LONGO DO TEMPO

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Bacharel em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

ORIENTADOR: SÉRGIO ROBERTO ABRAHÃO, MSC.

SUMÁRIO

RESUMO iii
1 INTRODUÇÃO 1
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA 1
1.2 JUSTIFICATIVA 2
1.1 OBJETIVOS 2
2 REVISÃO DE LITERATURA 3
2.1 O CORPO NA GRÉCIA ANTIGA 3
2.2 O CORPO NA IDADE MÉDIA 11
2.3 O CORPO NA MODERNIDADE 14
2.4 O CORPO NA IDADE CONTEMPORÂNEA OU PÓS-MODERNIDADE 25
3 METODOLOGIA 28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 29
REFERÊNCIAS 31

RESUMO

CORPO E HISTÓRIA:
CONCEPÇÕES DE CORPO AO LONGO DO TEMPO

Este trabalho é uma revisão bibliográfica que tem como escopo realizar uma análise histórica da concepção de corpo na sociedade ocidental. O corpo não pode ser entendido como simples expressão individual, pois, ele é o reflexo dos valores comuns da vida em sociedade, concebido de formas diversas, no tempo e no espaço. O pensamento básico preponderante para os Filósofos Gregos era a dicotomia entre o corpo e a alma. No período medieval, em decorrência de uma forte ideologia religiosa, certas ocupações em relação a culto ao corpo foram afastadas, houve uma maior valorização do espírito (alma) em contrapartida a desvalorização do carne (corpo). No Renascimento há um resgate da cultura clássica, com uma valorização do homem como indivíduo. Na modernidade o corpo passa a ser entendido como uma máquina e posteriormente como apenas ferramenta para o trabalho. No período contemporâneo pode-se perceber a despersonalização do corpo e sua banalização. O indivíduo passa a querer ter o controle sobre o seu corpo para modificá-lo afastando até mesmo os vínculos genéticos que sobre ele preponderam. A Educação Física auxilia a ideologia dominante a exercer influência sobre os corpos, moldando-os, tornando-os dóceis e hábeis para trabalho, para o consumo, entre outros, dependendo do que se espera dele pela sociedade que se apresenta em dado período.

Palavras chaves: Corpo, História, Sociedade, Ideologia.

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Na sociedade contemporânea as concepções e os conceitos acerca do corpo são diversos. Pode-se dizer que o corpo historicamente apresentou vários significados. Para uma melhor interpretação se faz necessário uma análise histórica compreendendo desde os pensamentos dos gregos antigos, principalmente os filósofos, a respeito do corpo, passando pelos pensadores medievais, renascentistas, modernos e por fim até chegar aos pensadores contemporâneos para uma melhor compressão da construção e conceituação do corpo na sociedade ocidental.

Neste estudo o corpo é visto como fruto da concepção do pensamento hegemônico, da ideologia dominante, da sociedade que hoje se apresenta, o corpo como reflexo das relações sociais, entendendo que o controle das pessoas pela sociedade tenha como meio o corpo. Ao refletir a concepção de homem e sociedade, considera que o homem como centro da sociedade ao mesmo tempo em que a constrói é reflexo dessa sociedade. Compreender o papel da mídia e o impacto da cultura, que pregam o corpo “dito” ideal e as suas conseqüências no corpo também é parte deste trabalho.

Entender a relação entre o corpo e a Educação Física, já que aquele se encontra como um dos objetos de estudo desta. A Educação Física visando a busca do desenvolvimento do homem através da percepção da realidade social, ou seja, da cultura corporal. Tendo a Educação Física papel importante em relação ao conhecimento corporal, no desenvolvimento da consciência corporal e da corporeidade.

Por fim o tema norteador é a questão do corpo e a compreensão deste como fenômeno histórico-cultural, bem como a importância da sua conceituação para a Educação Física e o envolvimento entre o homem e seu corpo.

1.2 JUSTIFICATIVA

Este estudo se justifica por procurar enfocar a questões do corpo, construído historicamente e culturalmente, ou seja, fruto de uma cultura corporal ao longo do tempo.

A relevância deste trabalho se evidencia frente aos conceitos atuais de corpo e as exigências que demandam desses conceitos.

Faz-se necessário para um melhor entendimento do pensamento contemporâneo a respeito do corpo, e o papel da Educação Física neste contexto, a realização de um levantamento bibliográfico, bem como, uma reflexão de como o corpo vem sendo tratado a cada período histórico.

1.3 OBJETIVOS

Realizar uma análise histórica da concepção de corpo na sociedade ocidental. Provocar discussões sobre as concepções de corpo, sociedade, cultura e o papel da Educação Física em relação a essas questões. Possibilitar a reflexão acerca do homem e seu corpo dando subsídios para superar as compreensões das questões apresentadas. Refletir a respeito da relevância deste tema no contexto da Educação Física e das possibilidades de intervenção na formação do corpo e suas relações.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para SANT'ANNA (2001, p.3) desenvolver uma história do corpo é um trabalho tão amplo e difícil quanto escrever "uma história da vida", pois há a possibilidade de conhecê-lo de novas formas, assim como perspectivas desconhecidas para estranhá-lo. O corpo não é simples expressão individual, ele também é o reflexo dos valores comuns da vida em sociedade, de formas diversas, no tempo e no espaço. De acordo com SOARES (2001, p.1) "o corpo é a primeira forma de visibilidade humana", corpo este edificado por liberdade e interdições, reflexo das sociedades.

SOARES (2001, p.1) entende ainda em relação ao corpo que:

> Sua materialidade polissêmica pode ser tomada como síntese de sonhos, de realizações de desejos, de frustrações, de tiranias e de redenção de sociedades inteiras. Seus múltiplos sentidos, assim, pedem múltiplos olhares, teorias, interações de saberes, para que, dele se fale. Pois o corpo, mesmo remexido e revirado pelo avesso, minuciosamente perscrutado em seu exterior e interior, recortado e transformado em partes que vão viver em outros corpos, ou em receptáculos de muitos e múltiplos objetivos/ materiais que nele se incorporam, ou ainda sofrendo todo tipo de mutilação/ intervenção desejada ou imposta, parece guardar a possibilidade de ser um território de preservação do humano factível que esconde uma réstia sobre sua existência.

A valorização recebida pelo corpo no período contemporâneo contrapõe-se ao ofuscamento a que estava submetido no passado (CRESPO, 1990). Atualmente pode-se constatar que os conceitos em relação ao corpo divergem de períodos anteriores, e para entender o corpo em novos tempos se faz necessário traçar um paralelo com os vários momentos históricos para perceber a influência positiva ou negativa que os vários pensamentos em épocas distintas trouxeram à concepção de corpo nos dias atuais.

2.1 O CORPO NA GRÉCIA ANTIGA

A Grécia Antiga juntamente com Roma é denominada de antigüidade clássica, é nesse período que surgem vários pensamentos que irão influenciar as sociedades através dos tempos. A Grécia antiga compreendia a região chamada Hélade, "que ocupou o sul dos Bálcãs (Grécia Continental), a península do Peloponeso (Grécia

Peninsular), as ilhas do mar Egeu (Grécia Insular), além das colônias da costa da Ásia Menor e no sul da península Itálica (Magna Grécia)" (MOTA e BRAICK, 1997, p.34).

Ao ver de MOTA e BRAICK (1997, p.33) "desde os primórdios da Antigüidade, a Grécia tem exercido grande fascínio direto ou indireto sobre aqueles que tiveram contato com a sua cultura. A arte, a literatura e o pensamento grego ainda hoje estão ligados a trama da nossa vida mesmo, sem percebermos". No mesmo sentido entende SEVERINO (1994, p.43) que os gregos conjuntamente com outros dois "pequenos/grandes povos" que seriam os judeus e os romanos teriam sido a base da cultura ocidental.

Sendo, pois, necessário refletir a respeito da concepção de corpo pelos Gregos, principalmente pelos Filósofos, pois como dito influenciarão a forma de pensar da sociedade ocidental através dos tempos, tendo resquícios da sua influência até na sociedade contemporânea.

Conforme MEDINA (1991):

> A filosofia surge da preocupação do ser humano em compreender o mundo em que vive. A partir de um dado momento a "explicação" advinda das experiências imediatas (sensíveis) e do pensamento mítico já não satisfazem. Surge a necessidade de uma explicação racional da realidade. É a consciência (a subjetividade) assumindo o seu papel no desenvolvimento do homem, da cultura.

A Grécia pode ser considerada como o berço da filosofia ocidental. A filosofia entendida como o modo de pensar e exprimir os pensamentos nasceram especificamente com os gregos (CHAUI, 2000). Segundo CHAUI (2000, p. 21) a Filosofia grega "por razões históricas e políticas, tornou-se, depois, o modo de pensar e de se exprimir predominantemente da chamada cultura européia ocidental da qual, em decorrência da colonização portuguesa do Brasil, nós também participamos".

Os gregos foram privilegiados, porque as viagens os apresentaram aos conhecimentos de outros povos, como os egípcios, persas, babilônicos, assírios e caldeus, entre outros. O outro ponto que ajudou a formar a Filosofia grega foram os escritos dos poetas Homero e Hesíodo, responsáveis pela formação da cultura grega antiga, os quais se baseavam nos mitos e nas religiões dos povos orientais, "bem como, nas culturas que precederam a grega", para compor à mitologia grega, que posteriormente seria modificada racionalmente pelos filósofos (CHAUI, 2000).

A posição geográfica da região compreendida como Grécia Antiga favoreceu o florescimento de uma cultura muita rica, o que possibilitou o surgimento de uma filosofia de forma mais "sistematizada" que visou pensar o mundo e o homem das mais diversas formas.

WERNECK[1] citado por LIMA (1999) diz que a mais antiga concepção de corpo é aquela que o admite apenas como ferramenta da alma. Os primeiros filósofos gregos já se preocupavam sobre as questões entre a dicotomia entre o corpo e alma.

Segundo CHAUI (2000) os períodos da filosofia grega podem ser divididos em período pré-socrático ou cosmológico, período socrático ou antropológico, período sistemático e período helenístico ou greco-romano. No período pré-socrático (século VII a final do século V a.C.), a filosofia tinha como preocupação os temas em relação à origem do mundo e as causas de transformação da natureza. No período socrático (século V e engloba todo século IV a.C.), as questões humanas tornam-se o foco da filosofia. Já no período sistemático (final do século IV ao final do século III a.C.), a preocupação da Filosofia é reunir e sistematizar os pensamentos anteriores buscando um mínimo de critérios de verdade e de ciência que são bases para o pensamento. Por último o período helenístico (século III a.C. até o século VI d.C.), inclui a fase Romana e o pensamento dos primeiros Padres da Igreja, o pensamento filosófico neste período fica voltado às questões acerca da ética, do conhecimento humano e das relações entre o homem e a natureza e à relação destes com Deus.

O pensamento filosófico grego abrange um vasto período histórico, nesta fase vão se estabelecer uma variedade de temas que abordarão desde a questão da origem das coisas, passando pela dicotomia entre corpo e alma, para finalmente formar a base do conhecimento filosófico medieval, pensando a relação do homem com as demais coisas e a relação dela com Deus.

Para KENNY (1999) foi Pitágoras na Antigüidade o primeiro a levar a filosofia para o mundo grego, é também considerado o pai da geometria. Pitágoras em relação ao corpo ensinava a doutrina da transmigração da alma, chamada em grego de "metempsicose", "segundo essa doutrina os seres humanos teriam almas

---

[1] WERNECK, C. L. G. Educação Física: novos olhares sobre o corpo. In: SOUZA, E. S.; VAGO, T. M. **Trilhas e Partilhas: A Educação Física na cultura escolar e nas práticas sociais.** Belo Horizonte: Cultura, 1997.

independentes dos seus corpos e, quando da morte a alma de uma pessoa poderia migrar para outro tipo de animal", por esta razão ensinava aos seus discípulos a se absterem de carne e ainda acreditavam que alma poderia acabar reencarnando num ser humano após sucessivas migrações por diferentes tipos de animais (KENNY, 1999, p.20). Um contemporâneo de Pitágoras, Tales, também um geômetra, que viveu na cidade de Mileto, na Jónia ou Ásia Grega, não acreditava na doutrina da transmigração da alma, mas sustentava a imortalidade da alma, entendia que em todas as coisas haviam deuses e que tudo tinha sua gênese na água (KENNY, 1999). Tales, por ter sido o primeiro a ousar explicar o mundo em termos de sua natureza observável, é apontado por alguns como sendo o filósofo inaugural (STRATHERN, 1998).

Segundo KENNY (1999, p. 23) em relação a Xenófanes de Cólofon que viveu no século V, foi o primeiro filósofo de religião, repudiava a religião contida nos poemas de Homero e Hesíodo, "cujas histórias blasfemavam, atribuindo aos deuses o roubo, a manha, o adultério e todo tipo de comportamento que, entre os seres humanos, seria vergonhoso e condenável". É importante salientar que a religião grega era fortemente influenciada pelos mitos, e tinha como características o antropomorfismo, ou seja, os deuses tinham formas, virtude e defeitos humanos (ARRUDA e PILETTI, 1996).

Conforme KENNY (1999, p.24) Xenófanes afirmou em seus escritos que: "a verdade clara sobre os deuses nenhum homem jamais viu nem nenhum homem irá alguma vez conhecer", porém Xenófanes compreendia da onde surgiram as lendas sobre os deuses, pois o ser humano tem a tendência de representar toda gente e tudo o que há à sua imagem, então cada povo de acordo com sua característica fariam os seus deuses a sua semelhança. O autor *op. cit.* afirma ainda que, para Xenófanes "a crença de que deuses têm um tipo qualquer de forma humana é um antropoformismo infantil". Xenófanes através de sua argumentação racional demonstrou o seu ponto vista de que há apenas um só Deus, era monoteísta numa sociedade que possui muitos deuses (KENNY, 1999). Xenófanes ainda ficou conhecido pela sua prática moral, ditava que não eram os valores vitais da robustez e da força física dos atletas, que eram reverenciados na época, superiores aos valores adquiridos pela inteligência e pela sabedoria, e sim ao contrário esses valores superiores a aqueles, ou seja "não é o vigor

físico ou a força física que tornam melhores os homens e as cidades, mas sim a força da mente a qual cabe a máxima honra" (REALE e ANTISERI, 1990, p.49).

Outro filósofo que traçou alguns temas relevantes foi Heráclito, em um de seus adágios diz que "a alma é uma aranha e o corpo é sua teia" conforme KENNY (1999, p.26):

> Heráclito explicava assim a última observação: tal como aranha, no meio da teia, se dá conta assim que a mosca quebra um de seus fios e de longe se precipita como se estivesse em aflição, também a alma humana, se alguma parte do corpo está magoado, se precipita imediatamente para aí, como se não conseguisse suportar a injuria. Mas, se alma é uma aranha diligente, também é segundo Heráclito, uma centelha da substância das ígneas estrelas.

Heráclito pensava que a morte do corpo é a vida da alma. Ainda tinha a concepção de que tudo no mundo está em constante mudança e fluxo, pensamento que vai influenciar a filosofia grega posterior (KENNY, 1999).

Um filósofo pré-socrático a ser tratado é Parmênides, que criticava a obtenção do conhecimento mediante os sentidos, pois afirmava que as pessoas que se deixam levar pelos sentido são enganadas. Também escreve sobre a doutrina do Ser que seja "o ser" e "o não ser", o ser seria a razão que concerne em captar para além dos sentido, razão esta contida na alma, e o não ser seria o indivíduo que se utiliza dos sentidos para obtenção de conhecimento (REALE e ANTISERI, 1990).

Em relação a esses filósofos estudados constata-se a afirmação de que a primeira preocupação em relação a corpo surge com a questão do dualismo do corpo e alma. A dicotomia entre o corpo e alma é elemento pensado por grande parte desses filósofos com pequenas diferenças na forma de pensar a relação entre o corpo e a alma. O filósofo "divisor de águas" em relação a filosofia grega foi Sócrates ele inicia o período humanista, cujo foco, passa da origem do mundo para a origem do homem. Segundo CHAUI (2000) Sócrates pode ser considerado como o patrono da Filosofia.

De acordo com KENNY (1999, p. 46) Sócrates teve grande importância para a Filosofia, viveu no final do século V a.C.:

> Não deixou, porém, obra escrita; e os pormenores da sua vida, além dos acontecimentos mais dramáticos, são ainda obscuros e objecto de controvérsia entre os estudiosos. Não lhe falta biógrafos; e, de facto, muitos dos seus contemporâneos e sucessores escreveram diálogos em que Sócrates desempenhava um papel primordial. A dificuldade está em distinguir os factos sóbrios da ficção laudatória.

Em relação a Sócrates, as obras de dois autores que permaneceram intactas, sendo as obras do Xenófanes e Platão, traçam Sócrates de maneira divergente (KENNY, 1999). Conforme ADORNO (1986) Sócrates é um dos filósofos mais importantes, mesmo sem nada ter escrito e os seus pensamentos serem entendimentos de diferentes autores.

Sócrates acreditava ainda na questão do dualismo corpo e alma, entendia que antes de cuidar do corpo era necessário cuidar da alma. Na Apologia de Sócrates (1999) percebe-se a concepção de alma como receptáculo da consciência moral e do caráter. Para FONTANELLA (1995) Sócrates buscava fundamentar a razão e o seu sujeito, a alma, e na pureza desta consistia a verdade. Os prazeres para serem aceitos, não poderiam transtornar a pureza da alma, pois poderiam interferir na busca do homem pela verdade e o bem, o corpo tornar-se-ia um empecilho nessa busca.

No entendimento de Sócrates a alma só poderia ser compreendida com limpidez se percebida como uma totalidade com o corpo, porém, como perspectivas diversas da natureza humana, uma não se contrapunha a outra, mas a alma se sobrepunha ao corpo (JAEGER, 1986).

As idéias de Sócrates influenciaram um dos seus mais distintos discípulos, que foi Platão, filósofo que registrou e elucidou grande parte dos seus diálogos. Platão viveu entre o final do século V e início do século IV a.C.. Segundo SANT'ANNA (2001, p.9), "Platão está entre os filósofos que buscaram submeter a justiça do deuses a justiça dos homens sábios". Embora se procura "estender a consciência humana à cidade", também a sua filosofia seria levada à realizar a analogia entre o homem e o cosmo.

Para Platão por meio das idéias ocorre uma cisão entre o mundo sensível (corpóreo) e o mundo inteligível (da alma), cujo mundo sensível seria uma cópia incompleta e imperfeita do mundo inteligível (GONÇALVES, 1997). Platão destaca a existência de três almas, mas apenas uma alma seria imortal, aquela que fica alojada na inteligência, esta alma "possuiria um movimento circular, considerado perfeito, tal qual aquele do céu e dos astros" (SANT'ANNA, 2001, p.9), ainda segundo este autor:

> Esta concepção, ao contrário da alma imortal, o corpo e as duas outras almas, que são mortais - uma alojada no ventre outra no coração – não possuem o movimento circular, regular e

> eterno da alma imortal, que é também o movimento dos astros no céu. As duas almas mortais possuem seis movimentos finitos e imperfeitos. Assim, para Platão, a doença não é somente o resultado de um desequilíbrio entre os quatro elementos do corpo (a terra, o ar, o fogo e a água), A este desequilíbrio se acrescenta àquele existente entre a alma imortal e o corpo.

Platão foi discípulo de Sócrates, teve como seu discípulo Aristóteles. Aristóteles esteve a seu lado durante vinte anos até a sua morte. Sócrates viveu no século IV a. C.. Ao tratar do corpo, Aristóteles tinha a convicção de que cada pessoa tem o seu lugar que lhe é destinado, pensava que o escravo era escravo por ter a alma de escravo e por isso era mera ferramenta (ARISTÓTELES, 1996). Assim como para Platão, está presente a assimilação entre o cosmo e a vida humana, esta idéia também se faz presente na obra de Aristóteles.

A assimilação de Aristóteles difere da concepção de Platão:

> [...] é importante sublinhar a idéia aristotélica de que a alma é a "forma" do corpo, o seu princípio dinâmico. A alma é, portanto, ligada ao corpo. E este, pos sua vez é composto de alma e matéria. Pode-se suspeitar que a alma se opõe muito mais a matéria do que ao corpo. Mas, mesmo assim, a matéria não existe sem a forma e esta não existe em estado puro. Se para Platão uma mesma alma podia vagar, passando de um corpo a outro, para Aristóteles, ao contrário, uma alma não existe sem um corpo e não se identifica a qualquer corpo (SANT'ANNA, 2001, p.20).

Os pensamentos de Platão e Aristóteles influenciaram muito o cristianismo e por conseqüente a Idade Média como um todo, refletindo seus pensamentos na sociedade ocidental contemporânea.

Para entender o pensamento da época e o que virá subseqüentemente cabe ainda tratar sobre Hipócrates que era grego, mas seu pensamento estava voltado à medicina, e Galeno médico que não era grego e viveu no período romano.

Hipócrates nasceu na ilha de Cós por volta do ano de 450 a.C., já vinha de uma linhagem de médicos, "viveu em uma época gloriosa par Grécia, contemporâneo de gênios que marcaram, de forma definitiva sua passagem pela vida", considerado por muitos o mais importante médico da antigüidade e pai da medicina (LOPES, 1970, p.103-104). Para Hipócrates o corpo seria formado por "humores" e tenderia a permanecer em equilíbrio, e a doença seria resultado de um desequilíbrio e poderia ser curada pela própria natureza, ou seja, Hipócrates entendia que a saúde humana estava intimamente ligada e condicionada a natureza (SANT'ANNA, 2001).

Conforme SANT'ANNA (2001, p.8), com Hipócrates "a íntima relação entre o corpo e o mundo não se explicava devido a uma suposta crença em poderes sobrenaturais" ele "não acreditava que os acontecimentos considerados pelos homens sobrenaturais pudessem provocar doenças", este faz a cisão entre a medicina e a magia. "Mesmo vários séculos após Hipócrates, as faculdades naturais continuarão a ocupar destaque no pensamento da Antigüidade" (SANT'ANNA, 2001, p.11).

Galeno nascido em Pérgamo (atualmente Turquia) em 129 d.C, era o médico de Marco Aurélio, (imperador romano). Sua obra foi essencial até o Renascimento, concebia o corpo como dotado de diferentes partes e a saúde dependeria do equilíbrio entre essas partes. Para Galeno assim como os astros, cada parte pertencente ao corpo funcionária de forma independente seguindo o seu próprio funcionamento (SANT'ANNA, 2001).

Ainda conforme SANT'ANNA (2001, p.11-12) Galeno entendia que:

> Os diferentes funcionamentos de cada parte do corpo não impedem a manutenção da vida, pois, graças ao Criador, existiria uma relação harmoniosa entre elas. Há, portanto, a garantia de uma entidade divina onisciente. Galeno, cujas concepções anatômicas e fisiológicas vão atravessar os séculos, estava entre os que pensavam o corpo como uma espécie de máquina criada pela providência divina, vivendo numa natureza que possuía, tal como o humano, uma espécie de alma.

Assim como Aristóteles, Galeno pensava que o homem e a natureza provinham do mesmo modelo, por conseqüência entre eles haveria uma íntima relação, entretanto ao contrário de Aristóteles que pensava que o homem adquiria autonomia perante a natureza, para Galeno sempre haveria uma dependência do homem, ou seja, a autonomia era reduzida (SANT'ANNA, 2001). Para SANT'ANNA (2001, p.12) "durante o período medieval, o pensamento de Galeno permaneceu referência essencial, sobretudo para o Ocidente, onde a providência divina tendeu a ser compreendida em termos cristãos".

2.2 O CORPO NA IDADE MÉDIA

A Idade Média para fins didáticos é o período histórico que vai desde a queda do Império Romano (476 d.C.) até a tomada de Constantinopla por Maomet II (1453 d.C.).

As concepções a respeito do corpo concebidas durante o período medieval não importaram exclusivamente de um rompimento com os modelos elaborados na Antigüidade clássica. Não há distanciamento absoluto entre as concepções de corpo na Antigüidade clássica, e aquelas decorrentes do período medieval. (SANT'ANNA, 2001). Conforme SANT'ANNA (2001, p.13) "paradoxal é o movimento da história, posto que ele escolhe, simultaneamente, rupturas e continuidades a partir das quais, os modelos corporais, os valores e as utilizações do corpo se transformam, mas também guardam registros de sensibilidades vindas de épocas diferentes".

No período medieval, em decorrência de uma forte ideologia religiosa, certas ocupações em relação a culto ao corpo foram afastadas. Houve uma valorização crescente das atividades ligadas a preparação do "espírito", em contrapartida uma desvalorização do corpo. Neste período foi grande a difusão de "crenças e práticas ritualísticas" que objetivavam o fortalecimento e enobrecimento do espírito para distanciar o corpo de práticas consideradas malévolas ligadas com as questões do pecado da carne e a busca pelo prazer (SCHNEIDER, 1999).

O cristianismo era fonte religiosa dominante, SANT'ANNA (2001) entende que para o cristianismo era mais certo separar o homem e a natureza, concebendo que o primeiro possui uma alma eterna e que sobrepujava a própria natureza, o homem agora dota-se de certa independência em relação ao cosmos. Ocorreu um desligamento da natureza com o corpo humano, com isso houve um obscurecimento desse corpo pela preocupação com o "frágil funcionamento da vontade humana" (BROWN, 1990, p.355).

Só através da alma, e não do corpo que o homem pode ver Deus, o corpo torna-se um empecilho um obstáculo à esta visão que seja a "descoberta da verdade e da salvação", ou seja, enquanto a alma "é pensada em termos positivos e dotada de imortalidade, o corpo permanece mortal, aquilo que impede o homem de conquistar

uma contemplação serena da vida", tendendo a ser abominado (SANT'ANNA, 2001, p.13).

FOCAULT[2] citado por SANT'ANNA (2001, p.15) entende que o cristianismo não inventou o código de comportamento sexual baseado "na valorização da monogamia, da fidelidade e da procriação", pois esse código se afirma com a desintegração de cidades-estados gregas, ele foi apenas reforçado pelo cristianismo emergente.

Para BROWN (1990, p.355-357):

> As noções cristãs de sexualidade haviam tendido a apreciar o ser humano desligado do mundo físico. O *calor genitalis*, o espírito abrasador desatrelado no ato sexual, já não era tratado com a antiga reverência. A sexualidade na era encarada como uma energia cósmica que ligasse os seres humanos aos rebanhos férteis e às estrelas flamejantes. Nada é mais acentuado do que a severidade com que os bispos do ocidente latino passaram a censurar as ocasiões em que se podia constatar que o animal e o humano se uniam [...] O corpo humano deixou de ser situado como um elo na grande cadeia do ser. Não foi incentivado a compartilhar com o mundo animal os prazeres a que seria possível entregar-se francamente (se bem que nos limites da razão), antes que a doença e a assustadora aproximação da velhice os arrebata-se para longe. No pensamento católico do início da Idade Média, a carne humana emergiu como coisa trepidante. Sua vulnerabilidade à tentação, à morte e até ao gozo era uma concretização dolorosamente apropriada da vontade claudicante de Adão.

Segundo CAVALARI (1996) o clero e a nobreza utilizaram-se de uma forte coação ideológica e por vezes física para estabelecer sua visão de mundo ao resto da população, buscavam limitar as manifestações "espontâneas", antes vastamente presentes, também queriam que se negasse o corpo como fonte do prazer para que se buscasse a purificação do espírito. Há neste período uma visão extremamente negativa em relação ao corpo, este sendo considerado como a fonte da onde emana o pecado, degradação e o caminho incorreto a ser seguido, e na busca da salvação da alma deve-se cercear este corpo por meio até mesmo de castigos corporais, isso era pregado pelo ascetismo medieval. Era importante para a força política emergente que se condenasse as atividades corporais, negando parte da cultura greco-romana que tinha profundas ligações com o corpo e seus prazeres (CAVALARI, 1996). A dor do asceticismo cristão decorria do fato da pessoa humana ser um bloco inacabado, "destinado a ser esculpido na forma de um modelo assombroso", o corpo necessitava ser esculpido através das renúncias permanentes para que este cristão se assemelhasse com o Cristo

[2] FOUCAULT, M. ; SENNET, R. Sexualité e Solitude. In: **Dits et Ecrits.** Paris: Gallimard, 1994.

ressuscitado (BROWN, 1990, p. 363). Conforme SCHENEIDER (1999, p.23) era necessário deste modo eliminar do cotidiano da sociedade tudo que estivesse relacionado ao corpo com os “velhos padrões, com as crenças e culturas pagãs, para se estabelecer novos perspectivas de se perceber o mundo a filosofia hedônica que pregava o prazer individual como supremo, era contrária aos novos ideais, por isso deveria ser suprimida”.

SCHENEIDER (1999, p.23) entende que em decorrência disso:

> Todo pensamento medieval voltá-se contra o corpo, observando-o apenas como receptáculo do espírito. O corpo “torna-se”, dessa forma, marginalizado e relegado ao segundo plano, porque a mais nobre da vida humana resume-se às aspirações a um mundo vindouro no qual a flagelação e a negação do corpo são consideradas como principal porta de entrada.

Esta concepção de corpo só passa a ser refutada, quando começa a difundir-se uma nova concepção no meio da sociedade, recolocando o corpo como centro dos interesses, só que dessa vez econômico. Ocorre um resgate da cultura Antiga clássica, confrontando os ideais traçados pela nobreza e clero, ocorre uma reaproximação do corpo com a natureza. Essa revalorização do corpo ou “renascimento” ocorre, pois há um objeto de interesse por trás disso, o fortalecimento de uma classe social que se apresenta totalmente nova na sociedade feudal, a burguesia emerge ao iniciar a Baixa Idade Média (século XI). A burguesia se contrapunha ao poder temporal da Igreja e do direito divino da monarquia, buscava a mobilidade e a ascensão social, pois possuíam papel de destaque na manutenção do feudo, provendo com as necessidades da vida material (PERNOUD, 1973).

Embora tudo o que foi apresentado acima, BROWN (1990, p. 367) afirma que:

> Para os modernos, quaisquer que sejam suas crenças religiosas, os temas cristãos primitivos da renuncia sexual, da continência e do celibato e da vida virginal passaram a carregar em si algumas implicações gélidas. O próprio fato de a Europa e a América moderna terem nascido do mundo cristão que substituiu o Império Romano na Idade Média garantiu que, ainda hoje, essas noções continuem a nos importunar com presenças pálidas e ameaçadoras.

A fase, que se inicia no final da idade média e perdura até a idade moderna, foi chamada de Renascimento. O Renascimento teve início na Itália, pois a Itália nesse período em decorrência da economia dinâmica possuía grande acúmulo de riquezas o que possibilitava o investimento na produção cultural. “A burguesia oriunda das camadas marginalizadas da sociedade medieval, firmou-se como classe social através

do prestígio que a riqueza lhe trouxe", eram esses burgueses que investiam na produção cultural, principalmente para poder ostentar e se aproximar do comportamento da nobreza (ARRUDA e PILLETI, 1996, p.132). A Itália estava tão desenvolvida devido as suas cidades-estados já terem autonomia dos senhores feudais desde o século XIII, e concentra-se numa região de comércio internacional. "É preciso lembrar a presença de obras de arte da Antigüidade na Itália: isto contribuiu para o clima cultural do renascimento" (ARRUDA e PILLETI, 1996, p.132).

De acordo com MOTA e BRAICK (1997, p.33) "quando o Renascimento italiano, no século XV, resgatou a cultura grega em toda a sua majestade, deixou-nos um legado inabalável pela força do tempo: o valor do homem como indivíduo e a crença de que o ser humano deve ser respeitado não como instrumento de um soberano onipotente mas pelo que representa em si, isto é, um ser livre". A passagem da Idade Média para a Idade Moderna é marcada por uma revolução científica que ocorre por volta dos séculos XVI e XVII, sendo conduzida por cientistas (SCHENEIDER, 1999).

2.3 O CORPO NA MODERNIDADE

A Idade Moderna tem seu início com a tomada de Constantinopla por Maomet II (1453 d.C.) compreendendo este período até a Revolução Francesa (1789 d.C.).

Esse período é demarcado por uma conjunção entre os ideais cristãos (fé e conhecimento revelado) com o pensamento grego (Razão) de Platão e Aristóteles, conhecido como "Escolástica". Na passagem da Idade Média para a Modernidade é caracterizada por uma transformação científica ocorrida por volta dos séculos XVI e XVII, direcionadas por cientistas como "Leonardo da Vinci (1452-1519), Copérnico (1473-1543), Galileu (1564-1642), Francis Bacon (1561-1626), Kepler (1571-1639)" entre outros (SCHENEIDER, 1999, p.27-28). Com eles rui-se a concepção orgânica de mundo, predominante até a Idade Média, e cria-se um modelo mecanicista do universo (MEDINA, 1991).

Segundo SCHULTZ e SCHUTZ (2000, p.33-35), surgiu nos jardins reais europeus do século XVII, figuras excêntricas com o propósito de divertimento, mas

que por trás trazia todo um mecanismo de tubos hidráulicos acionados por placas de pressão que ativavam o maquinário que os movimentava, eram figuras mecânicas denominadas autômatos que realizavam “façanhas prodigiosas com precisão e regularidade”, que através desse processo acionado pela pressão e água poderiam realizar alguns movimentos, tocar instrumentos musicais e até produzir sons semelhantes a voz humana, era diversão de aristocracia que “refletiam e reforçavam o fascínio seiscentista pelo milagre da máquina”.

O conceito básico do século XVII era o espírito do mecanismo, a concepção de universo como uma máquina, essa doutrina apregoava que todos os processos naturais são mecanismos determinados e podem ser explicados, organizados e controlados pelas leis da física (fixas e imutáveis), podendo também ser medidos e quantificados (SCHULTZ e SCHULTZ, 2000).

Para SCHENEIDER (1999, p.25) “a realidade passou a ser vista como uma engrenagem, e como não poderia deixar de ser, o corpo também é submetido ao mesmo olhar”, dando uma aparência. Com o advento dos grandes processos científicos do século XVII, ocorreram mudanças tecnológicas, que serviram para estudar o homem e a natureza, conseqüências dos estudos de Galileu posteriormente aperfeiçoados por Newton. René Descartes foi um dos principais responsáveis por essa mudança de direção, que passa a representar a realidade qual o encaixar de peças e engrenagens em uma grande máquina (SCHULTZ e SCHULTZ, 2000).

Segundo SILVA (2001, p.25):

> A representação do corpo como máquina, traduzida em seu funcionamento pelas leis da mecânica newtoniana, é uma idéia clássica de Descartes presente em várias de suas obras, assim como sua empreitada de explicar as “paixões da alma”, colocando-se do ponto de vista de um físico. Tal concepção de corpo que independe de qualquer noção de essência e associado estritamente a sua materialidade, predomina durante longo tempo e deixam fortes marcas, até hoje, inclusive no que diz respeito ao seu método de estudo.

SCHULTZ e SCHUTZ (2000) explicam que se utilizava a metáfora para explicar o universo, comparando-o a um relógio (mecanismo que foi sensação tecnológica na época), pois este era composto por peças e engrenagens, e as pessoas poderiam entender perfeitamente como funcionava e sua estrutura e seu funcionamento poderia se aplicado ao universo e a sociedade. O corpo passou a ser

submetido aos mesmos preceitos, “os relógios abriram caminho para a idéia de que os seres humanos são mecânicos e que os mesmos métodos experimentais e quantitativos, que tinham alcançado tanto sucesso no estudo dos segredos do universo, podiam ser aplicados à pesquisa da natureza humana” (SCHULTZ e SCHULTZ, 2000, p.36).

O entendimento dos organismos vivos e de seus membros como um mecanismo, começou com Leonardo da Vinci, que demonstrou que os ossos atuam como alavancas, prosseguindo com Galileu, mas apenas se firmando com forma de representar a realidade com Descartes (MANSON, 1962). Conforme MANSON (1962) Harvey que viveu de 1578 a 1657, já tinha delineado a questão do mecanismo, entendia que o coração era uma bomba hidráulica atribuindo a circulação sangüínea à uma causa mecânica.

No entendimento de SCHENEIDER (1999, p.26) o corpo agora diferente da Idade Média não é mais entendido como uma entidade que simboliza o mal, “representante genuíno da imperfeição humana”, mas continua a ser desvalorizado e ainda caracterizado muitas vezes como receptáculo da alma. Nesse entendimento o dualismo corpo-mente é ainda aceito e reforçado. O homem considerado como composto de duas essências, o mundo material e o mundo mental, este possuindo domínio sobre aquele. A diferença da Modernidade com a Antigüidade clássica em relação a dualismo ao observar o homem, é que na modernidade consegue-se trazer uma explicação racional para esse entendimento (SCHULTZ e SCHULTZ, 2000).

Segundo SCHULTZ e SCHULTZ (2000) mente e corpo seriam entidades, mas não haveria semelhança quantitativa entre corpo, mundo material, físico ou *res extensa*, a mente, mundo mental ou *res cogitans*. O corpo substância material seria limitado tendo extinção e funcionaria de acordo com os princípios mecânicos, já a mente seria livre e não teria nem extensão e nem substância. O que foi inovador era que embora mente e corpo fossem distintos, eram capazes de interagir dentro do organismo humano, a mente influenciaria o corpo, e este corpo também influenciaria a mente mais em menor proporção (SCHULTZ e SCHULTZ, 2000).

Para SCHENEIDER (1999, p.27) essas “idéias faziam parte da tendência geral favorável às formulações de que o corpo, por fazer parte exclusivamente do mundo físico, estava submetido a leis físicas e, como qualquer mecanismo, deve comportar-se

e movimentar-se de maneira previsível e controlável, desde que se saiba quais os estímulos a serem aplicados no processo".

Também nesse período histórico é que vai se ter uma concepção mais forte do corpo como ferramenta para o trabalho, ou seja, o pensamento da época voltado par o corpo e sua preparação para o trabalho.

A burguesia, nova classe social emergente, oriunda dos acúmulos de riquezas em decorrência da prática comercial e dos empréstimos, começa a se contrapor aos dogmas religiosos e as leis autoritárias, e para auxiliar investe em estudos científicos e filosóficos, que venham ajudá-la a se posicionar e firmar-se frente à sociedade que se apresentava (SCHENEIDER,1999).

Em decorrência da nova ordem cultural, política e econômica começa-se a questionar os modos de reflexão filosófica predominantes na filosofia medieval que eram fruto das ideologias da classe religiosa, propondo novos paradigmas para explicar a realidade, fugindo daquela reflexão filosófica hegemônica que se apresentava até então, que era uma combinação dos ideais cristãos com o pensamento grego (SEVERINO, 1994).

Para SCHENEIDER (1999, p.27) descarta-se em grande parte a explicação teológica através dos novos estudos científicos e filosóficos apoiados pela burguesia, passando-se a explicar o universo em termos mecânicos, ou seja, "o real é visualizado como uma grande máquina que foi colocada a funcionar e que, a partir desse ponto, autoimunizou-se, já não sendo necessária a intervenção de um ser superior".

Através de novos conhecimentos sobre o universo, sobre a matéria e a natureza, o centro das explicações da sociedade e as relações sociais, passa a ser o homem biológico, auxiliando a classe burguesa a conceber uma clara consciência de classe (SCHENEIDER, 1999). Para SOARES (1994, p.12) surge para a classe burguesa a clara concepção de que ela "é dona do seu próprio destino e que são os homens que transformam a natureza e criam as leis da sociedade".

Segundo SCHENEIDER (1999) nessa época os pensadores buscavam renegar os regimes autoritários e dogmáticos, que era a alicerce que direcionava as relações sociais, baseavam-se apenas nas leis da física refutando tudo o que fosse dogmático, metafísico ou abstrato.

Na Europa, principalmente na França a classe burguesa visa controlar sua própria existência, para isso passa incitar a revolta, no caso a revolução francesa de 1789, que vai acabar com derrocada das classes: clero e nobreza, e ela, a classe burguesa não seria mais reprimida (SCHENEIRDE, 1999).

De acordo com ARRUDA e PILETTI (1996, p.181):

> Os escritores franceses do século XVIII provocaram uma revolução intelectual na história do pensamento moderno. Suas idéias caracterizavam-se pela importância dada a razão: rejeitavam as tradições e procuravam explicação racional para tudo. Filósofos e economistas procuravam novos meios para dar felicidade aos homens. Atacavam a injustiça, a intolerância religiosa, os privilégios. Suas opiniões abriram caminho para a Revolução Francesa, pois denunciariam os erros e vícios do antigo regime.

Para entender esse período de revoluções e o período posterior, faz-se necessário abranger o iluminismo. "O iluminismo foi um movimento de idéias que teve sua origem no século XVII e se desenvolveu especialmente no século XVIII". A denominação de iluminismo decorria do fato dos impulsionadores dessas idéias, os filósofos iluministas, enxergarem em si próprios como "militantes da luta da razão, 'luz', contra a tradição cultural e institucional, as 'trevas'" (MOTA e BRAICK, 1997, p.254). Para ARRUDA e PILETTI (1996, p.181), entendem que, o Iluminismo expressou a ascensão da burguesia de sua ideologia, "foi a culminância de um processo que começou com o Renascimento, quando se usou da razão para descobri o mundo, e que ganhou aspecto essencialmente crítico no século XVIII, quando os homens passaram a usar a razão para entenderem a si mesmos no contexto da sociedade.

Na visão de MOTA e BRAICK (1997), esse modo de pensar e sentir se propagou por muitos países da Europa, tendo suas primeiras manifestações na Inglaterra e Holanda a partir do século XVII, mas foi no século XVIII, que a queda do governo absolutista, que elevou essas concepções filosóficas do iluminismo numa doutrina política e social. "Ocorre que o projeto iluminista levou a burguesia a pensar criticamente a tradição cultural e o Estado e, a partir daí, propor transformação da antiga ordem num mundo completamente novo, o mundo burguês" (MOTA e BRAICK, 1997, p.254).

BOBBIO *et al.* (1986, p.609), entendem que a filosofia do Iluminismo é a filosofia da burguesia:

> O burguês é o homem novo, que luta pelas reformas progressivas contra o obscurantismo e os privilégios da aristocracia e do clero. Sua filosofia é a filosofia da libertação, isto é, de um ideal realizado intelectualmente, mas não socialmente. A liberdade de comércio, a abolição dos privilégios e das imunidades das outras duas classes, a divulgação da cultura, a revisão do sistema fiscal, etc., são os motivos da filosofia do século XVIII, mas não especialmente as aspirações da burguesia. Poder-se-ia afirmar que o Iluminismo é a filosofia do terceiro Estado, mas não a filosofia do povo, em relação ao qual, pelo contrário, os *philosophes* nutrem uma certa desconfiança, pelo menos enquanto não for realizada a educação.

Para ARRUDA e PILETTI (1996), foi a Revolução Inglesa do século XVII que marca o início de um período designado como a Era das Revoluções Burguesas, pois vai propiciar as condições para um crescimento acelerado do capitalismo, revolução esta, que revelou a primeira manifestação de crise dos sistema da época moderna (absolutismo). A Revolução Inglesa do século XVII foi um marco no cotidiano europeu, o primeiro momento em que a burguesia chega ao poder e lança as suas "bases para consolidação da sua própria ordem" (MOTA e BRAICK,1997, p.264). À Revolução Francesa coube definir o perfil ideológico desses movimentos revolucionários, por seu caráter liberal e democrático (ARRUDA e PILETTI, 1996).

ARRUDA e PILETTI (1996, p.186) entendem que:

> Para muitos historiadores, a Revolução Francesa faz parte de um movimento revolucionário global, atlântico, ou ocidental, que começa nos Estados Unidos em 1776, atinge a Inglaterra, Irlanda, Holanda, Bélgica, Itália, Alemanha, Suíça e, em 1789, culmina na França a violência maior. [...] Há traços comuns em todos esses movimentos, mas a Revolução Francesa tem identidade própria, manifestada na tomada de poder pela burguesia, na participação de camponeses e artesãos, na superação das instituições feudais do Antigo Regime e na preparação da França para caminhar rumo ao capitalismo industrial.

Aprofundando-se na Revolução Francesa, a burguesia sob lema "liberdade, igualdade, fraternidade" incita as classes mais baixas da população (camponesa e trabalhadora) a se levantarem e lutarem contra as desigualdades sociais e oporem-se a antigo regime, governado pelo clero e nobreza (SCHENEIDER, 1999). A situações em que se encontravam a França na época, como a altas nos preços dos alimentos em função das más safras que causa uma crise sócio-econômica promovendo uma onda de distúrbios e banditismo aliado a outros fatores, contribuíram para o que poderia ser uma pequena revolta, chega-se as proporções que tomou, fazendo o povo erguer-se

contra a pequena nobreza e o clero, os camponeses e trabalhadores por serem ignorantes (analfabetos) e muito irrequietos “politicamente simples e imaturos” para se organizar, volta-se ao “terceiro Estado” (deputados da burguesia) apoiando-o (HOBSBAWN, 1977, p.78).

“Mas o aparato ideológico, por trás da revolução, também faz ‘emergir’ toda uma consciência de que o homem é o construtor da sua história e do seu futuro” (SCHENEIDER, 1999, p.28). Segundo HOBSBAWN (1977) os outros segmentos do povo (as massas) se sobrepõem à política revolucionária burguesa que incitou a revolução e passam a buscar suas próprias revoluções sociais, o que ocasiona uma cisão dos burgueses revolucionários em três grupos políticos, os moderados, os jacobinos (que eram da esquerda radical) e os girondinos (que eram conservadores), mesmo assim os burgueses decidem continuar com a revolução.

Na França entre 1793 e 1794 eclode o regime do terror, sob o governo do revolucionário Robespierre, que promove em quatorze meses, 17.000 execuções oficiais, dando-lhe enorme prestígio com o povo, tantas execuções amedrontaram até a própria burguesia, que também não estava livre dela, maior exemplo disso foi o próprio Robespierre, que em julho de 1974 também é executado, marcando o fim do período do terror (HOBSBAWN, 1977).

No entendimento de SCHEINEDER (1999), a burguesia temerosa com o resultado da revolução buscando conseguir novamente o controle e esquecer os rumos desagradáveis que a revolução tomou, procura novos meios para controlar a realidade, para tanto, precisando ofuscar o pensamento anterior fomentado por ela própria burguesia, e precisa estabelecer uma ideologia que assegure a nova ordem firmada. Ainda segundo o autor *op. cit.* (p.29), se faz necessário para “entender a mudança de direção ocorrida na ideologia em relação à sociedade e ao corpo depois da Revolução Francesa, deve-se, primeiro, entender o principal ‘articulador’das bases teórico-filosóficas dessa mudança, que passa do campo crítico-utópico para o campo conservador e reacionário”, que é Augusto Comte, através da doutrina positivista procura estagnar a história em um “quadro fixo”.

Para FAVRE (1993, p.245) “como quase todos os pensadores políticos de seu tempo, Auguste Comte foi levado a empreender uma reflexão filosófica social em

seguida ao choque da Revolução Francesa", precisou entender o motivo e o mecanismo desse "gigantesco confronto social" para obstar a sua volta. Para Comte se fazia necessário encerrar a época revolucionária, e para isto, era essencial impedir movimentos como a Revolução Francesa, que seria objetivo fundamental da política prática não possibilitar que novas revoluções violentas ocorressem (FAVRE, 1993).

De acordo com SCHENEIDER (1999, p.30):

> A insegurança causada pelo movimento dos revolucionários radicais e o caos urbano levam à busca de 'novas idéias' de reconstrução da sociedade que, pautada na necessidade de rearranjar a frágil e delicada relação do homem com a sociedade, busca e constrói a idéia da ordem como fator imprescindível para o progresso.

A ideologia burguesa, que incitara a revolução, e que posteriormente firmaria o Estado Burguês e a burguesia enquanto classe, concentrando o poder, abandona os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade para o plano meramente do discurso formal, "pois as bases filosóficas da nova ordem não admitem a igualdade entre os homens, porque toda desigualdade, segundo o discurso positivista, é mediada por leis fixas naturais e imutáveis, organizadas hierarquicamente com cada coisa em seu lugar" (SCHENEIDER, 1999, p.30).

Essa nova ordem com a burguesia no poder propicia a condição para que suas próprias contradições de classe aparecessem o que culminaria com afirmação do existência da classe que ira se contrapor a ela (a classe operária). Para a burguesia manter sua preponderância deveria procurar estabelecer a construção de um "homem novo, um homem que possa suportar uma nova ordem política, econômica e social, um novo modo de reproduzir a vida sob novas bases" homem este que terá sua construção integral a cabo da burguesia, relevados os "aspectos metais, intelectuais, culturais e físicos" (SOARES, 1994, p.9).

O papel da Educação Física dentro da consolidação dos ideais da Revolução Burguesa no entendimento de SOARES (1994, p.9), foi se ocupar "de um corpo a-histórico, indeterminado, um corpo anátomo-fisiológico, meticulosamente estudado e, cientificamente, explicado". De modo orgânico, a Educação Física compõem a origem e a evolução da nova sociedade, instituída pela Revolução Burguesa na qual a nova ordem e os privilégios não deveriam ser questionados (SOARES, 1994).

Conforme SCHENEIDER (1999, p.30), pode-se dizer que o homem tornou-se de dono da sua força de trabalho, com a política burguesa alicerçada na Revolução Industrial (século XVIII), erguem-se às fábricas contrapondo-se ao trabalho agrícola, e esse homem deve-se adaptar sendo "formado a partir do paradigma filosófico comtiano". A Revolução industrial ocorreu na segunda metade do século XVIII, na Inglaterra, e encerra a transição entre o feudalismo e o capitalismo, firmando a preponderância do capital mercantil sobre a produção, também encerra o movimento da revolução burguesa iniciada na Inglaterra no século XVII (ARRUDA e PILETTI, 1996).

ARRUDA e PILETTI (1996,p.178) entendem que:

> A substituição das ferramentas pelas máquinas, da energia humana pela energia motriz e do modo de produção doméstico pelo sistema fabril constitui a Revolução Industrial; revolução, em função do enorme impacto sobre a estrutura da sociedade, num processo de transformação acompanhado por notável evolução tecnológica.

Pode-se dizer que emana um novo jeito de se perceber o homem e o corpo compreendido de uma nova forma não mais como criatura, mas como criador (SCHENEIDER, 1999). Para RIBEIRO JUNIOR (1998) a partir do paradigma filosófico comtiano, Augusto Comte, contrapunha-se aos dogmas religiosos da Igreja Católica, negava as relações hierárquicas formadas no período medieval, funda o que então designa Religião da Humanidade, cuja razão é a suprema força criadora, afastando dogmas religiosos, estabelecendo novas relações hierárquicas (RIBEIRO JUNIOR (1998).

Segundo SCHENEIDER (1999, p.31) o homem enquanto criador não mais se reconhece na criação:

> Mas criador este que não mais se reconhece na criação. A partir do momento em que a burguesia liberta o corpo medieval dos dogmas religiosos, até então um empecilho à exploração do homem pelo homem, à cobrança de juros e ao acúmulo de capital, ela se sente livre para explorar a força de trabalho do artesão e do camponês, subjugando estes ao processo de produção capitalista, no qual, pela especialização (ou desespecialização?) das funções do trabalhador no interior da fábrica, fragmenta o vínculo que este antes possuía com o produto.

O homem tornasse proletário, dono apenas da força de trabalho, e o corpo visto simplesmente como uma ferramenta, uma engrenagem dentro do processo de produção, pois este corpo não tem mais autonomia para criar, submetido a força

intelectual de outrém, criando-se uma nova corporeidade pautada nas relações de trabalho e poder (SCHENEIDER, 1999). Para FOUCAULT (1991, p.125) a descoberta do corpo como objeto e alvo do poder surge nas épocas clássicas, mas pode-se encontrar sem dificuldade rastros dessa atenção em relação ao corpo, corpo este que "se manipula, se modela, se treina que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam".

SCHENEIDER (1999), assevera que, para a burguesia capitalista era necessário criar um mundo que pudesse forjar um corpo dócil, para exercer novas formas de dominação sobre o corpo, já que ela (burguesia) criou uma outra concepção de mundo na qual os aspectos da vida só podem ser respaldados nas ciências naturais contrário as explicações teológicas que dicotomizavam, o corpo em parte carnal e espiritual, do período medieval utilizados para controlar o corpo. "É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado" (FOUCAULT, 1991, p.126).

As fábricas se erguem nas cidades, expulsando até mesmo os camponeses que trabalhavam no campo produzindo seu alimento, até mesmo a terra agrária deveria voltar-se as fábricas, no caso as fábricas têxteis, com a produção de algodão e o cultivo de ovinos (SCHENEIDER, 1999). O artesão que antes trabalhava individualmente, agora e absorvido pelo novo modo de produção industrial, entretanto tal modo de produção acarreta inúmeros problemas sociais, "ocasionando inúmeras baixas, no operariado, na produção fabril e no exército industrial de reserva" (SCHENEIDER, 1999, p.31). Segundo SCHENEIDER (1999, p.31):

> Implantam-se, então, programas que visam a proteger a este corpo das doenças e afastá-lo das práticas danosas capazes de deixá-lo longe do controle da fábrica. Dessa forma, monta-se uma estrutura ideológica capaz de ensinar ao "corpo-ferramenta" bons costumes e métodos que garantam uma vida saudável. Um exemplo é a busca da naturalização da relação, atividade física e promoção da saúde, fazendo com que passassem a aparentar uma relação de causa e efeito, o que levou à simplificação do fenômeno saúde-doença.

Conforme SCHENEIDER (1999) a partir disso o corpo do operário começa a ser tratado como objeto que precisa ser melhorado, ensinando-lhe através de processos cientificamente comprovados a chegar à saúde física por meio do culto ao corpo, com o intuito de se ter um corpo biologicamente mais saudável, sendo uma melhor

ferramenta produtiva na reprodução do capital. Para FOUCAULT (1991, p.127) “forma-se então uma política de coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos” e ainda “o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe”.

O sistema que agora se apresenta passa a exigir um vigor físico, não aceitando mais um corpo esquálido, pois o vigor físico torna-se sinônimo de melhor força produtiva, uma melhor ferramenta para uma boa produtividade. Para manter esse corpo a fábrica necessita ampliar o seu controle para a vida social do operário, procura até intervir no tempo livre do operário, tentando incutir valores para que ele busque saúde com o exercício físico, para que haja uma melhora da preparação do corpo para o trabalho (SCHENEIDER, 1999).

SOARES (1994) entende que :

> É nessa perspectiva que podemos entender a Educação Física, como a disciplina necessária a ser viabilizada em todas as instâncias, de todas as formas, em todos os espaços onde poderia ser efetivada a construção deste homem novo: no campo, na fábrica, na família, na escola. A Educação Física será a própria expressão física da sociedade de capital. Ela encarna e expressa os gestos automatizados, disciplinados e, se faz protagonistas de um corpo “saudável”; torna-se receita e remédio ditada para curar os homens de sua letargia, indolência, preguiça, imoralidade, e, desse modo, passa a integrar o discurso médico, pedagógico ... familiar.

Com a preocupação da manutenção do sistema de produção fabril, a forma e as proporções do corpo tornam-se constantes e crescentes as inquietações para os detentores do modo de produção,o corpo passa a ser objeto de inúmeros cuidados, procurando-se incutir valores para o cuidado do corpo no ambiente da fábrica e na sociedade como um todo. “Ao mesmo tempo em que se procura definir um corpo padrão excelente ao trabalho, busca-se o controle social em que todos os aspectos da vida sejam condicionados a não se perceber a mudança de corporeidade que lentamente se forma” (SCHENEIDER, 1999, p.32).

O corpo é entendido como uma máquina, traz a tona o corpo entendido como objeto, que pode ser utilizado do jeito que se quiser, pode ser moldado, modificado, aperfeiçoado para a melhor forma que atenda as exigências do processo de produção, que explore a força de trabalho e o tempo dela o máximo possível dentro da fábrica (SCHENEIDER, 1999).

SCHENEIDER (1999, p.33) afirma que:

> Os novos métodos utilizados, com o fim de produzir um corpo mais dinâmico, hábil e ajustado ao moderno processo de produção capitalista, são inseridos no contexto escolar com a contribuição pedagógica também da Educação Física e por meio de disciplinas que visam, acima de tudo, trabalhar o desenvolvimento e a aprendizagem motora dos educandos

2.4 O CORPO NA IDADE CONTEMPORÂNEA OU PÓS-MODERNIDADE

A Idade Contemporânea ou Idade Pós-Moderna para fins didáticos é o período decorrente após a Revolução Francesa (1789) até os dias atuais. SANTOS (1987) entende que principalmente em relação ao termo Pós-modernidade é aplicado as alterações e mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando por convenção, encerra-se o Modernismo, simbolicamente ela teria seu iniciado em agosto de 1945 quando a bomba atômica destruiu Hiroxima, naquele momento a modernidade encerrou seu capítulo quando superou seu poder criador pela força destruidora.

Conforme MEDINA (1991, p.23):

> O nosso corpo, concretamente e na forma como se representa e é percebido pelo brasileiro, acompanha os matizes fornecidos pelo sistema dominante. Na relação corpo-sociedade há um peso decisivo da estrutura sócio-econômica que define, de certa forma os limites da nossa estrutura corpórea. Desde a gestação somos modelados pelos valores vigentes, pela cultura, pela situação de classe social a qual pertencemos, e assim, dentro dessas circunstâncias, nascemos, crescemos, vivemos, sobrevivemos, adoecemos e morremos.

No século XX, para SANT'ANNA (2001, p.17) podem-se perceber inúmeros indivíduos que querem despojar de seus corpos "antigos vínculos não apenas religiosos, geográficos, temporais e morais, mas, também genéticos", mas esta cisão não ocorre rapidamente nem por completo, porém nos últimos tempos cresce o número de indivíduos que querem tornar seus corpos algo independente do seu patrimônio cultural e genético. Querem reconstruir seus corpos com o auxílio dos avanços tecnológicos e científicos para terem mais saúde e juventude, tal proposta tomou conta da mídia e se apresenta até de certa forma banalizada (SANT'ANNA, 2001).

Conforme SANT'ANNA (2001, p.21) "tudo se passa como se, em nossos dias, as transformações do corpo estivesse mais na moda do que nunca, enquanto os limites do que é certo e errado, falso e verdadeiro, natural e artificial tivessem sido completamente relativizados". São várias as razões para compreender esse fenômeno atual, e cada uma delas tem suas "expressa ambições de conhecer e de controlar o corpo e, ao mesmo tempo, limites e fragilidades típicas da ciência e da técnica contemporânea", (SANT'ANNA, 2001, p.18).

Neste novo momento histórico o corpo passa a ter sobre si a atuação de ideais que visam "enquadrá-lo nos ideias de uma nova indústria", designada de Indústria Cultural, esta é apta a modificar, produzir, ou orientar a criação de novas tendências de comportamento no seio da sociedade, deixa de ser um corpo que antes era estimulado a se enquadrar de acordo com as necessidades da fábrica e dos meios de produção (SCHENEIDER, 1999, p.33). Cultura essa que de acordo com SCHENEIDER (1999, p.23) é uma nova indústria que vem "ditar e orientar os comportamentos, criando novos valores a respeito de como deve ser 'o corpo perfeito' e o que deve ser usado para chegar a esse ideal". A adequação à essas novas necessidades, cria um novo indivíduo, sem identidade própria, possuindo a identidade a qual essa indústria lhe confere, ou seja, identificado pelo que se usa e não por quem se é (SCHENEIDER, 1999).

Segundo SCHENEIDER (1999, p.34) o corpo antes valioso por ser força de trabalho utilizado apenas como "corpo ferramenta" agora é:

> Substituído pelo corpo-imagem, desejado especialmente pelo que pode consumir da indústria cultural, de modo que, para essa nova indústria cultural, de modo que, para essa nova indústria, o que passa a valer é o que se aparenta ser, não o que essencialmente é. Criam-se assim necessidades para esse corpo que deve estar sempre atento às novidades de um padrão de beleza corporal em constante mutação.

Conforme BOLTANSKI (1989), essa necessidade só existe em função das mercadorias cujos valores simbólicos são bem definidos, sendo que as necessidades são apenas fruto dos produtores desses bens. SCHENEIDER (1999) entende que em conseqüência dessas necessidades, surgem todos os dias clínicas de estética, que vendem inúmeros "acessórios" como silicones, lipoaspiração, entre outros, para encaixar o corpo dentro de padrões estéticos ditos como normais, padrões esses que

tem como forte vinculador a mídia, preocupados mais com a “aparência de saudável” do que com o “real estado de saúde”.

A indústria cultural utiliza-se da mídia que é um poderoso difusor de novos hábitos, que consegue facilmente vincular a questão de “corpo bonito” e “bem trabalhado” “com qualquer produto que se queira” (SCHENEIDER, 1999, p.34-35). Para MEDINA (1991, p.22) em relação às práticas que ocorrem em nossos dias de discursos e propagandas que visam influenciar as pessoas a “certas práticas corporais e comportamentos em relação ao corpo”, deve-se observar que há sempre interesses do sistema “adoecido, neurótico, e neurotizante”, por traz da idéia de “um corpo bonito e saudável”, sistema este que objetiva o lucro para poucos ao preço da alienação de muitos.

SCHENEIDER (1999, p.35) assevera que:

> Existe uma importante contradição entre o corpo no mundo real e o corpo ideal, difundido pela mídia. Ora, mesmo com toda a inculcação de valores e a grande massificação de modelo corporal, percebe-se a grande impossibilidade de uma maioria da população adquirir esse modelo de corpo. Estes ficam apenas sujeitos à internalização da ideologia veiculada, sendo subjugados a uma reverência incondicional e inconsciente àqueles que têm a possibilidade financeiras de extremar em seus corpos as nuanças exigidas pela nova estética.

Estamos subjugados por uma cultura desumana, influenciada por uma ideologia que tem como conseqüência uma continua e progressiva despersonalização, que apenas um olhar mais crítico é capaz de perceber que há uma transferência inconsciente de valores para o corpo (SCHENEIDER, 1999).

3 METODOLOGIA

A metodologia empregada nessa pesquisa, principalmente se constituiu em pesquisa na literatura, visando realizar uma revisão bibliográfica sobre os principais períodos históricos e a concepção de corpo nesses diferentes momentos, e como o homem se relacionava com seu corpo de acordo com a cultura dominante da época. Esta revisão se pautou em livros de história geral, história da filosofia, história da psicologia bem como, alguns livros da Área da Educação Física. Também se utilizou, de artigos de revistas, tudo para contemplar de forma mais completa possível os momentos históricos e a concepção de corpo que era empregada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As concepções dos filósofos gregos da antiguidade a respeito do corpo, até o corpo pregado pela sociedade contemporânea, foram frutos da ideologia, que sempre retratou a sociedade em que estava incorporado, e como expressa FOUCAULT (1991, p.126) “em qualquer sociedade o corpo está preso no interior de poderes muito apertados que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”.

As concepções de corpo estiveram e sempre estarão em constante transformação. Para SCHENEIDER (1999, p.38) “buscar entender o porquê, em um momento da história, o corpo ter sido percebido de um modo específico, faz-nos desvelar as influências/motivos que levaram a essa percepção, fazendo com que percebamos a história por trás da história e os seus reflexos no cotidiano de cada um, hoje”.

Pode-se entender que o corpo nunca foi livre pertencente ao próprio indivíduo, influenciado pelos deuses, pelas classes dominantes, sempre foi e será dominado, disciplinado ou subjugado, sendo que o corpo tem sua concepção modificada de acordo com o momento histórico que se apresenta, para satisfazer os interesses das classes dominantes. A Educação Física teve o papel de auxiliar as ideologias a ter influência sobre o corpo e também moldar e preservar esses corpos de acordo com os pensamentos predominantes.

O corpo foi desvalorizado e teve uma revalorização aparente na sociedade, mas nunca foi compreendido o seu real valor, sempre obrigado a se enquadrar nas exigências da sociedade que se apresentava. A mídia aliada a indústria cultural se apresenta como um meio muito forte para propagação da ideologia da sociedade contemporânea, e cria valores sobre o corpo voltados para o consumismo, para uma despersonalização desse corpo, para uma massificação do indivíduo, para uma exacerbação sem razão do culto ao corpo, o que importa não é o corpo mas o que está sobre esse corpo, as marcas, a ostentação, entre outros, o indivíduo sendo considerado, não pelo que realmente é, mas pelo que possui.

A Educação Física não pode ser meio para que a ideologia exerça a dominação sobre os corpos. O papel da Educação Física, não é só de moldar corpos, mas é a de

também possibilitar o espaço para reflexão, e não propagar as formas equivocadas de se conceber o corpo, assim como, trabalhar o corpo como um todo e não dicotomizado ou segmentado, possibilitar uma repersonalização desse corpo, minimizando a influência das ideologias sobre o corpo, não ultrapassar os limites racionais do corpo. Deve ajudar a formar um corpo crítico, consciente de si mesmo e capaz de entender e se livrar das formas de dominação e entender a complexidade de sua existência, que entenda o impacto sócio-econômico-cultural que exerce influência sobre este. A Educação Física, deve ser vista e tida como meio que auxilia e possibilita a reflexão a respeito do corpo e ajuda o indivíduo a desenvolver à relação com seu próprio corpo e com os outros corpos ao seu entorno.

REFERÊNCIAS

APOLOGIA DE SÓCRATES. **Os pensadores.** São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ARISTÓTELES. **Os pensadores.** São Paulo: Nova Cultural, 1996

ADORNO, F. **Sócrates.** Lisboa: Edições 70, 1986.

ARRUDA, J. J. de A.; PILETTI, N. **Toda história.** São Paulo: Ática, 1996.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política.** Brasília: Universidade de Brasília, 1986.

BOLTANSKI, L.; Regina A. M. **As classes sociais e o corpo.** 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

BROWN, P. **Corpo e sociedade:** o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CAVALARI, R. M. F. O pensamento filosófico e a questão do corpo. In: NETO, S. de S. (Org.). **Corpo para malhar ou para comunicar.** São Paulo: Cidade Nova, 1996, p. 39-49.

CHAUÍ, M. de S. **Convite à filosofia.** 6. ed. São Paulo: Ática, 1995.

CRESPO, J. **A história do corpo.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FAVRE, P. Comte, Auguste, 1798-1877: Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade, 1822. In: CHÂTELET, F.; DUHAMEL, O.; PISIER. E. (Orgs.). **Dicionário de obras políticas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

FONTANELLA, F. C. **O corpo no limiar da subjetividade.** Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 1995.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir:** história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1991.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir:** corporeidade e educação. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997.

HOBSBAWM, E. J. **A era das revoluções: 1789-1848.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

JAEGER, W. W. **Paidéia:** a formação do homem grego. São Paulo: M. Fontes, 1986.

KENNY, A. **História concisa da filosofia ocidental.** Lisboa: Temas e Debates, 1999.

LIMA, F. L. R. de. **As concepções de corpo na filosofia e na sociedade:** da fragmentação a compreensão da totalidade. Curitiba: UFPR, 1999.

LOPES, O. de C. **A medicina no tempo:** notas de história da medicina. São Paulo: Melhoramentos, 1970.

MASON, S. F. **História da ciência:** as principais correntes do pensamento científico. Rio de Janeiro: Globo, 1962.

MEDINA, J. P. S.. **O brasileiro e seu corpo:** educação e política do corpo. 3 ed. Campinas: Papirus, 1991.

MOTA, M. B.; BRAICK, P. R. **História:** das cavernas ao terceiro milênio. São Paulo: Moderna, 1997.

PERNOUD, R. **As origens da burguesia.** Póvoa de Varzim-Portugal: Publicações Europa-América, 1973.

REALE, G.; ANTIZERI, D. **História da Filosofia: antiguidade e idade média.** Vol. I São Paulo: Paulinas, 1990.

RIBEIRO JUNIOR, J. **O que é positivismo.** São Paulo: Brasiliense, 1998.

SANT'ANNA, D. B. de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. L. (Org.). **Corpo e história.** Campinas: Autores Associados, 2001, p. 3-23.

SANTOS, J. F. dos. **O que é pós-moderno.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

SEVERINO, A. J. **Filosofia.** São Paulo: Cortez, 1994.

SCHNEIDER, O. O corpo uma abordagem histórica. In: Grupo PET. **Sobre educação e educação física.** Vitória: UFES/CEFD, 1999, p. 21-40.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **História da psicologia moderna.** 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

SILVA, A. M. A nauterza da physis humana: indicadores para um estudo da corporeidade. In: SOARES, C. L. (Org.). **Corpo e história.** Campinas: Autores Associados, 2001, p. 25-41.

SOARES, C. L. **Educação física:** raízes européias e Brasil. Capinas: Autores Associados, 1994.

_____. Apresentação. In: SOARES, C. L. (Org.). **Corpo e história.** Campinas: Autores Associados, 2001, p. 1.

STRATHERN**,** P. **Sócrates (469 a. C.-399a C.) em 90 minutos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.